

BREVE NOTÍCIA

Não são poucos os trabalhos que correm mundo, relativamente á tarefa gloriosa do apóstolo dos gentios. E' justo, pois, esperarmos a interrogativa: — Por que mais um livro sôbre Paulo de Tarso? Homenagem ao grande trabalhador do Evangelho ou informações mais detalhadas de sua vida?

Quanto á primeira hipótese, somos dos primeiros a reconhecer que o convertido de Damasco não necessita de nossas mesquinhas homenagens; e quanto á segunda, responderemos afirmativamente para atingir os fins que nos propomos, transferindo ao papel humano, com os recursos possiveis, alguma cousa das tradições do plano espiritual a-cerca-dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios.

Nosso escopo essencial não poderia ser apenas rememorar passagens sublimes dos tempos apostólicos, e sim apresentar, antes de tudo, a figura do cooperador fiél, na sua legítima feição de homem transformado por Jesus Cristo e atento ao divino ministério. Esclarecemos, ainda, que não é nosso propósito levantar apenas uma biografia romanceada. O mundo está repleto dessas fichas educativas, com referencia aos seus vultos mais notaveis. Nosso melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbadas e ásperos testemunhos de um coração extraordinário, que se levantou das lutas humanas

para seguir os passos do Mestre, num esforço incessante.

As igrejas amornecidas da atualidade e os falsos desejos dos crentes, nos diversos setores do Cristianismo, justificam as nossas intenções.

Em toda parte, ha tendencias á ociosidade do espirito e manifestações de menor esforço. Muitos discípulos disputam as prerrogativas de Estado, enquanto outros, distanciados voluntariamente do trabalho justo, suplicam a proteção sobrenatural, do céu. Templos e devotos entregam-se, gostosamente, ás situações acomodaticias, preferindo as dominações e regalos de ordem material.

Observando esse panorama sentimental, é util recordarmos a figura inesquecível do apóstolo generoso.

Muitos comentaram a vida de Paulo; mas, quando não lhe atribuíram certos títulos-de-favor gratuitos do céu, apresentaram-no como um fanático de coração ressequido. Para uns, éle foi um santo por predestinação, a quem Jesus appareceu, numa operação mecânica da graça; para outros, foi um espirito arbitrário, absorvente e rispido, inclinado a combater os companheiros, com vaidade quasi cruel.

Não nos deteremos nessa posição extremista:

Queremos recordar que Paulo recebeu a dádiva santa da visão gloriosa do Mestre, ás portas de Damasco, mas não podemos esquecer a declaração de Jesus relativa ao sofrimento que o aguardava, por amor ao seu nome.

Certo é que o inolvidavel tecelão trazia o seu ministério divino; mas, quem estará no mundo sem um ministério de Deus? Muita gente dirá que desconhece a propria tarefa, que é inciente a tal respeito, mas nós poderemos responder que, além da ignorancia, ha desatenção e muito capricho pernicioso. Os mais exigentes advertirão que Paulo re-

cebeu um apêlo direto; mas na verdade, todos os homens menos rudes têm a sua convocação pessoal ao serviço do Cristo. As fórmulas podem variar, mas a essencia do apêlo é sempre a mesma. O convite ao ministério chega, ás vezes, de maneira sutil, inesperadamente; a maioria, porém, resiste ao chamado generoso do Senhor. Ora, Jesus não é um mestre de violencias e se a figura de Paulo avulta muito mais aos nossos olhos, é que ele ouviu, negou-se a si mesmo, arrependeu-se, tomou a cruz e seguiu o Cristo até o fim de suas tarefas materiais. Entre perseguições, enfermidades, apodos, zombarias, desilusões, deserções, pedradas, açoites e encarceramentos, Paulo de Tarso foi um homem intrépido e sincero, caminhando entre as sombras do mundo, ao encontro do Mestre que se fizera ouvir nas encruzilhadas da sua vida. Foi muito mais que um predestinado, foi um realizador que trabalhou diariamente para a luz.

O Mestre chama-o, da sua esfera de claridades imortais. Paulo tateia na treva das experiencias humanas e responde: — Senhor, que queres que eu faça?

Entre ele e Jesus havia um abismo, que o apóstolo soube transpôr em decênios de luta redentora e constante.

Demonstra-lo, para o exame do quanto nos compete em trabalho proprio, a-fim-de ir ao encontro de Jesus, é o nosso objetivo.

Outra finalidade dêste esforço humilde é reconhecer que o apóstolo não poderia chegar a essa possibilidade, em ação isolada no mundo.

Sem Estevam, não teriamos Paulo de Tarso. O grande mártir do Cristianismo nascente alcançou influencia muito mais vasta na experiencia paulina, do que poderíamos imaginar tão só pelos textos conhecidos nos estudos terrestres. A vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza. A contribui-

ção de Estevam e de outros personagens desta história real vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação. E, para verificar a amplitude desse conceito, recordemos que Jesus, cuja misericórdia e poder abrangiam tudo, procurou a companhia de doze auxiliares, a-fim-de empreender a renovação do mundo.

Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor; e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo.

Desde já, vejo os criticos consultando textos e combinando versículos para trazerem á tona os erros do nosso tentame singelo. Aos bem intencionados, agradecemos sinceramente, por conhecer a nossa expressão de criatura falível, declarando que este livro modesto foi grafado por um Espírito para os que vivem em espírito; e ao pedantismo dogmático, ou literário, de todos os tempos, recorreremos ao proprio Evangelho para repetir que, se a letra mata, o espírito vivifica.

Oferecendo, pois, este humilde trabalho aos nossos irmãos da Terra, formulamos votos para que o exemplo do Grande convertido se faça mais claro em nossos corações, a-fim-de que cada discípulo possa entender quanto lhe compete trabalhar e sofrer, por amor a Jesus Cristo.

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 8 de julho de 1941.

PRIMEIRA PARTE

I

CORAÇÕES FLAGELADOS

A manhã enfeitava-se de muita alegria e de sól, mas as ruas centrais de Corinto estavam quasi desertas.

No ar brincavam as mesmas brisas perfumadas, que sopravam de longe; entretanto, não se observava na fisionomia suntuosa das vias públicas, o sorriso de suas crianças despreocupadas, nem o movimento habitual das liteiras de luxo, em seu giro habitual.

A cidade, reedificada por Julio Cesar, era a mais bela jóia da velha Acaia, servindo de capital á formosa província. Não se podia encontrar, na sua intimidade, o espirito helenico em sua pureza antiga, mesmo porque, depois de um século de lamentavel abandono, após a destruição operada por Mummios, o grande imperador restaurando-a, transformara Corinto em colonia importante de romanos, para onde acorrera grande número de libertos ansiosos de trabalho remunerador, ou proprietários de futuras fortunas. A estes, associara-se vasta corrente de israelitas e consideravel percentagem de filhos de outras raças que ali se aglomeravam, convertendo a cidade em núcleo de convergencia de todos os aventureiros do Oriente e do Ocidente. Sua cultura estava muito distante das realizações intellectuais do gôsto grego mais eminente, misturando-se, em suas praças e templos mais diversos. Obedecendo, talvez, á essa heterogeneidade de sentimentos, Corinto tornara-se famosa pelas tradições de libertinagem da grande maioria dos seus habitantes.